

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE - CCBS
UNIDADE ACADÊMICA DE PSICOLOGIA - UAPSI**

**SUJEITX EM PROCESSO: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA FOLHA DE
S.PAULO SOBRE TRANSGÊNEROS NO CONTEXTO EDUCACIONAL**

ANA BEATRIZ BEZERRA COSTA

CAMPINA GRANDE – PB

2015

ANA BEATRIZ BEZERRA COSTA

Trabalho apresentado à Unidade Acadêmica de Psicologia do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da UFCG, Campus Campina Grande - PB, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Psicólogo, sob orientação do Professor Anderson Scardua Oliveira.

CAMPINA GRANDE – PB

2015

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial "Tereza Brasileiro Silva"-
UFCG

C837s

Costa, Ana Beatriz Bezerra da.

Sujeitos em processo: representações sociais da folha de S.Paulo sobre transgêneros no contexto educacional / Ana Beatriz Bezerra da Costa. – 2015.

32 f.

Artigo (Graduação em Psicologia) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde.

Referências.

Orientador: Prof. Anderson Scardua Oliveira, Dr.

1. Transgênero, 2. Escola, 3. Instituição educacional,
4. Representações sociais. I. Oliveira, Anderson Scardua. II. Título.

BSTBS/CCBS/UFCG

CDU 159.964.2:613.885 (813)

ANA BEATRIZ BEZERRA COSTA

**SUJEITX EM PROCESSO: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA FOLHA DE
S.PAULO SOBRE TRANSGÊNEROS NO CONTEXTO EDUCACIONAL**

APROVADO EM: ____/____/____

NOTA: _____

BANCA EXAMINADORA

Profº Anderson Scardua Oliveira
Orientador

Profº Pedro de Oliveira Filho
Examinador

Profª Betânia Maria Oliveira de Amorim
Examinadora

DEDICATÓRIA

A Yasmin Tavares Lima. Você, mais do que ninguém, viveu minha formação, experimentou o curso, compartilhou nossa turma e, claro, fez parte deste trabalho. Ele é para você, minha querida amiga.

E para todos os grupos das minorias, em especial a todxs xs sujeitxs trans, por sua luta, por suas vivências e por suas histórias que me fazem acreditar e sonhar num processo de transformação social que resultará, enfim, no reconhecimento de cada umx de vocês.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, antes de mais nada, à minha família. A Dedé, meu amado pai, por todo o esforço diário para dar-me a possibilidade de estar aqui. Agradeço a minha mãe, Marizélia, que nunca deixou de olhar por mim, ou permitiu que nada me faltasse: minha mais bela e mais amada guardiã. Agradeço a Mário, lindo irmão, por sempre ser a pessoa de quem me despeço e me reencontro todas as semanas. Agradeço a Angélica, irmã e melhor amiga, por cumprir todas as vezes esses papéis e representá-los de forma tão grandiosa. A Rérisson, por ser meu grande apoiador e companheiro, e por sempre esperar o melhor de mim.

Agradeço a toda a minha família - que, graças a Deus, é enorme. Portanto os cito, com todo meu amor e agradecimento, através das cidades de Caruaru, de Patos, de Feira de Santana, Belém, São Paulo, Arapiraca, Miami e, claro, Santa Cruz do Capibaribe. Agradeço imensamente a todas as meninas do 302 (atuais e antigas) que foram e são minhas companheiras durante todos esses anos. A Josilma, meu anjo, minha protetora, meu coração campinense. Agradeço a todos os meus grandiosos amigos, que sempre estão comigo - mesmo que em pensamento. Eu amo todos vocês.

Agradeço a todos que fazem da turma pioneira de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande. Vocês me ensinaram a prática real do *connatus*. Amor e gratidão para sempre por isso! Agradeço a todo o corpo docente da instituição, pois a vocês devo minha formação acadêmica e profissional. Agradeço a Cleide Pereira Monteiro, mestre que me serve de espelho e luz, minha inspiração no campo da Psicologia não somente pela destreza e excelência na profissão, mas como ser humano. Meu imenso agradecimento a Anderson Scardua Oliveira, meu querido orientador que, além de extrema competência na função, foi mais: ouvinte, apaziguador, firme e paciente, ao mesmo tempo. Serei eternamente grata.

Por fim, e mais importante, agradeço a Deus, que nunca desistiu de mim e permitiu que meu caminho chegasse aqui.

RESUMO

Xs sujeitxs transexuais são pessoas invisíveis, excluídxs nos mais variados âmbitos, seja no trabalho, seja nas organizações, seja em ambientes educacionais. Ambientes estes que propagam ainda mais paradigmas e, não somente, também os produzem, o que dificulta a permanência dos sujeitos nas instituições. Tivemos como objetivo identificar as representações sociais que a mídia - o jornal Folha de S.Paulo - desenvolve acerca dxs sujeitxs transgêneros no contexto educacional, bem como detectar se há aspectos positivos ou histórias de sucesso noticiadas sobre xs indivíduos, e como elas aparecem. O critério utilizado para a seleção das matérias analisadas foi o de fazer uso do material o qual houvesse o relato da vivência dx sujeitx transgênero relacionado ao contexto institucional da educação, resultando em 24 notícias publicadas no período de maio de 2003 a julho de 2014. O presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa. A metodologia para a análise de dados foi a análise de conteúdo temática. Dois grandes eixos foram detectados, sendo eles: quem aparece, quando se fala de trans (de quem mais se fala); e o que se fala, de fato, quando se está publicando sobre transgêneros. Neste, duas foram as categorias que mais se destacaram: a categoria “Direito”, relacionada ao âmbito da lei; e a categoria “Vivências”, relativa às experiências educacionais dxs sujeitxs. Concluimos que x sujeitx é apresentado como alguém que necessita entrar em disputa judicial para ter reconhecimento e direitos assegurados; e que a família aparece como grande apoiadora e principal suporte para x trans. Xs indivíduos estão em processo: processo físico para a adequação do corpo à identidade de gênero, processo judicial para assegurar sua cidadania, processo social para ser reconhecidx; é umx sujeitx que protagoniza um processo de mudança quanto às conquistas e relações sociais.

Palavras-chave: Transgênero, escola, instituição educacional, representações sociais.

ABSTRACT

Transgender people are invisible, excluded in various contexts, whether at work, in organizations or education institutions. And school propagates more paradigms and, not only, also produces it, which makes the remained of these subjects in the educational institution. We intend to identify the social representations that the media - the "Folha de S.Paulo" newspaper - develops about transgender individuals in the institutional context of education, as well as detect whether there are positive aspects or success stories reported on individuals and how they appear. The criteria used for the selection of the analyzed material was to make use of the material which had the account of the experience of the transgender subject within the institutional context of education, resulting in 24 reports published from May 2003 to July 2014. This work is characterized as a qualitative research. The methodology used was thematic content analysis. Two main areas were identified, namely: who appears when we speech about "trans" (who else is spoken); and what is said, in fact, when you are publishing on transgender. On that, two were the categories that are most important: the category "Law", related to the scope of the jurisprudence; and the category "Experiences", on the educational experiences of the subjects. We conclude that the subject is presented as someone who needs come under dispute to be recognized and their rights guaranteed; and that the family appears as strong supporter and the principal support for the trans. This people are in process: physical process to adapt the body to gender identity, judicial process to ensure their citizenship, social process to be recognized. Is someone who stars in a process of change as the achievements and social relations.

Keywords: Transgender, school, educational institution, social representations.

SUMÁRIO

| | |
|-----------------------------|----|
| INTRODUÇÃO..... | 9 |
| GÊNERO E TRANSGÊNERO..... | 10 |
| TRANSGÊNERO E ESCOLA..... | 13 |
| REPRESENTAÇÕES SOCIAIS..... | 14 |
| MÉTODOS..... | 18 |
| RESULTADOS..... | 19 |
| DISCUSSÃO..... | 24 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 30 |
| REFERÊNCIAS..... | 33 |
| APÊNDICE..... | 37 |

INTRODUÇÃO

A inspiração para meu trabalho se deu a partir de uma notícia que o site do jornal O Globo veiculou em fevereiro de 2014. Tratava-se da primeira diretora transexual de uma escola pública do Rio de Janeiro. Conquista tão significativa, pensei, que deveria estar circulando nos vários portais do país. Ledo engano: pouquíssima foi a quantidade de jornais que noticiaram a história de Julia Dutra. Comecei a entender, assim, a difícil invisibilidade com a qual x sujeitx¹ trans se depara cotidianamente.

O grupo de lésbicas, gays e bissexuais já sofre com a discriminação e preconceito repudiáveis que temos conhecimento, e assim podemos tentar entender sobre com o que lida x sujeitx trans: invisibilidade e não-reconhecimento ainda mais acentuado. São sujeitxs excluídxs dos mais variados âmbitos do trabalho, das organizações, da escola. E se a escola poderia ser um lugar de possibilidades para se existir, ela - pelo contrário - propaga ainda mais paradigmas e, não somente, também os produz (BENTO, 2011; LOURO, 1997), o que dificulta a permanência dos sujeitos na instituição educacional.

É privado dessx indivídux o mais básico direito, o direito da educação. Faz-se necessário, deste modo, tentar compreender o que se é falado dessxs sujeitxs em relação ao contexto educacional para pensarmos, em nível social, sobre qual o lugar que x indivídux transgênero tem em nossa sociedade.

Segundo Alexandre (2001, p. 115), “A produção e circulação das mensagens na sociedade atual é extremamente dependente das atividades das indústrias da mídia”. A mídia, então, configura-se como um importante veículo de comunicação que não só produz mas reflete características e debates sociais.

Assim, pretende-se aqui identificar as representações sociais (MOSCOVICI, 2012) que a mídia desenvolve acerca dxs sujeitxs transgêneros no contexto institucional da educação, bem como detectar se há aspectos positivos ou histórias de sucesso noticiadas sobre xs indivíduxs, e como elas aparecem.

Discutiremos, como primeiro trilhar do caminho, o conceito de gênero para, então, podermos refletir sobre xs sujeitxs trans; passando pela relação entre trans e a escola. Por fim, para pensarmos a mídia, nos basearemos pelo referencial teórico das Representações Sociais.

¹ A letra "x", aqui, busca evitar a valorização de polos femininos e masculinos das palavras, geralmente representados pelas letras "a" e "o", respectivamente. O uso letra "x" propõe uma esquivar a essa dicotomia.

GÊNERO E TRANSGÊNERO

A gramática sempre me interessou. As palavras são nosso meio de comunicação; formadas por um arranjado milimétrico de letras, traduzem o significado por trás do objeto em questão, passam a mensagem. No entanto, apesar de facilitarem nossa interação com as pessoas e com o mundo, elas ainda podem nos confundir.

Fascina-me o fato de que há palavras que comportam, em si, mais de um significado e, por vezes, completamente diferentes! Na língua portuguesa, chamamo-nas de homônimas. Um exemplo que pode ser utilizado é uma ilustração que colhi, na infância, que sempre chamou minha atenção: manga. Manga pode ser uma fruta; manga pode ser uma parte específica de uma blusa; manga - principalmente no nordeste - pode ser o ato de um sujeito ‘tirar sarro’ de alguém. Inicialmente, a palavra que trarei para o seio da questão, além de homônima, está em constante movimento: falemos de gênero.

O Dicionário Aurélio (FERREIRA, 1999, p. 345) dá seis significados à palavra, são eles:

“adj. 1. Agrupamento de indivíduos, objetos, etc. que tenham características comuns. 2. Classe, ordem, qualidade. 3. Modo, estilo. 4. Antrop. A forma como se manifesta, social e culturalmente, a identidade sexual dos indivíduos. 5. Biol. Reunião de espécies [v. espécie (4)]. 6. Gram. Categoria que classifica os nomes em masculino, feminino ou neutro”.

No entanto, sob o olhar que abordaremos - a princípio - no presente escrito, há uma única definição, das citadas acima, que se assemelha à que expressaremos: a significação presente no ponto quatro (4).

Gênero, para nos poupar de um possível futuro mal-entendido, será aqui compreendido como um termo que problematiza as relações de poder exercidas no modo de funcionamento social; as compreensões e representações das características sociais. Um conceito que questiona a heteronormatividade; o padrão social excludente, segregador e padronizante.

É um termo em constante problematização e mudança, não fechado em si, que reflete aspectos diversos - dependendo sob que ótica é analisado (GALINKIN e ISMAEL, 2011; LOURO, 1997). Pensaremos, assim, 'gênero' a partir dos “significados socialmente conferidos aos sexos e ao gênero [e que] podem mudar no decorrer da história de cada sociedade” (GALINKIN; ISMAEL, 2011, p.503).

Sua gênese está nas discussões iniciadas pelas mulheres na luta feminista e é um tema, no âmbito acadêmico, relativamente novo. No Brasil, suas questões começam a ser levantadas somente a partir do fim do século XX (GALINKIN; ISMAEL, 2011). Tendo um "caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo" (SCOTT, 1995, p. 72), não rejeitaremos a biologia e diferenças fisiológicas que a nomenclatura abarca; mas enfatizaremos prioritariamente a construção social e histórica produzida sobre elas.

Segundo Louro (1997), o termo exige que o pensemos de forma plural, partindo do ponto de que as representações são distintas no que concerne aos homens e às mulheres. A autora destaca, ainda, que as percepções sobre gênero se diferem também pela sociedade e contexto histórico que estão inseridas, bem como pelos grupos - religiosos, raciais, étnicos - que os integra (LOURO, 1997, p. 23).

Gênero ressalta a diversidade, embora os discursos do senso-comum e o não dito escrevam e reproduzam outro tipo de ideal. O termo ultrapassa o binarismo da heternormatividade de mulher e homem, de hétero e homossexual; compreende haver muitas outras formas de se expressar e identificar-se no mundo. Está relacionado às mais diversas relações sociais de poder: a orientação sexual, a identidade sexual, a identidade de gênero (entre outros). E sabendo da nossa condição de existirmos nessa sociedade heteronormativa, podemos afirmar que a pessoa ideal e reguladora do meio é um homem, de cor branca e de orientação heterossexual. Há uma hierarquização na qual prevalece a masculinidade, e os "sujeitos-padrão" operam sob os demais. Assim, quem quer que se apresente fora deste modelo, mostrar-se-á diferente.

Diferentemente da palheta de possibilidades que a gramática nos oferece, usemos agora a precisão, encontrada muitas vezes na matemática (que, de tão certa, nunca me agradou): o fato é que algo distinto do padrão, necessariamente, sofre desigualdade. Desigualdade que atinge quem é minoria: negrxs, índixs, pobres, mulheres, latinxs, LGBT's. E neste último grupo se encontra x sujeitx-motivadorx/de pesquisa deste trabalho.

Segundo Ávila e Grossi (2010, p.2), a nomenclatura "transgênero" fala dx sujeitx que se reconhece pertencendo ao gênero oposto do seu sexo biológico; ou ainda pertencente aos dois gêneros, ou nenhum, como no caso dxs travestis, transexuais, Drag Queens, Drag Kings. Uma singularidade de experiências dxs sujeitxs que exige pensarmos, também, de modo múltiplo, nessas categorias como "categorias no plural" (TORRES; PRADO, 2014, p.203).

No Brasil não há um acordo unânime no que diz respeito à definição do termo (JESUS, 2012, p.7), porém grande parte dos autores que estudam a temática costuma orientar-se por esse caminho; e é também, por ele, que iremos nos guiar.

A condição social de “...ser LGBT é estar invisibilizado, no sentido de que a população não reconhece a normalidade da vivência sexual-afetiva não hegemônica, estereotipando-a dentro de categorias extremamente limitantes” (JESUS; GALINKIN, 2011, p.286). Estas letras - L, G, B e T - mais do que integrantes do alfabeto, representam classes, segmentos e identidades. Não só definem ou agrupam, mas falam destes sujeitos que estão à margem. Temos o “L”, representante das Lésbicas; o “G”, dos Gays; o “B”, dos Bissexuais e, por fim, o “T”, que não só fala de transexuais e travestis, mas de transgêneros.

A sigla “LGBT” passou a ser utilizada pela grande parte dxs ativistas após a deliberação da I Conferência Nacional, em 2008 (FACCHINI; FRANÇA, 2009). Através do poder masculino, é comum que a homossexualidade seja tomada pela visão também masculinizada. E dada a importância das letras, a letra L foi trazida para frente do termo a fim de enfatizar as mulheres lésbicas, que até então, também apareciam depois do ‘G’ (GLBT): um modo estratégico para a visibilização do segmento. E a letra T, não por acaso, é a última. Letra última que fala dxs sujeitxs que lidam com questões não só de sexualidade, mas de identidade social. Letra última que diz dessxs indivíduos que situam-se num lugar ainda mais inferiorizado, mais distante - lugar de último - e detentor de quase ou nenhum poder: elxs são a minoria da minoria.

A conceituação dos termos se faz presente para que tenhamos melhor compreensão, mas não para classificar os indivíduos incluídos nas categorias citadas (CRUZ, 2011). Há pluralidades incontáveis e inimagináveis de formas de ser e de se existir no mundo. O intuito, portanto, não é o de enquadrar. Está mais ligado a agrupar pessoas que experenciam questões relacionadas à identidade de gênero, embora não tenham necessariamente o mesmo tipo de vivência.

Consideradxs como indivíduos que sofrem estigmatizações, preconceito e desrespeito por parte da maior parcela da população, podemos concluir que são pessoas invisíveis. Sujeitxs não-vistxs e, mais, escondidxs. Não há, para elxs, o direito de ter direitos, de ser reconhecidx ou ter lugar na esfera legal e jurídica, por exemplo. Essxs sujeitxs vivenciam não somente o puro preconceito e discriminação por qualquer que seja sua orientação sexual, mas por algo a mais: por sua identidade de gênero.

Autores como Cardozo (2008) e Jesus (2011) destacam a transfobia como uma variação nominal da homofobia, configurando-se como formas discriminatórias específicas sofridas por trans: travestis, transexuais e transgêneros. Os âmbitos de exclusão pelos quais perpassam são os mais variados, seja no trabalho, na vida cotidiana, nas organizações, na escola. Escola essa que propaga paradigmas e, não obstante, os produz.

TRANSGÊNERO E ESCOLA

Segundo ALVES (2013, p. 1), a transfobia no ambiente escolar causa estigmatizações e sofrimento ax sujeitx, o que afeta sua vivência tanto pedagógica como social, exclui e marginaliza-xs, "colocando em risco o direito à educação, além de comprometer as possibilidades de construção da cidadania".

A vivência excludente e sofrida experimentada na escola por essxs sujeitxs relaciona-se intimamente com o fato de não vermos tais indivíduos nos corredores das instituições educacionais. Indivíduos que não são bem-recebidxs: são diferentes, e o diferente incomoda. A incongruência entre o que se apresenta e o que se sabe sobre o sexo biológico daquela pessoa causa desconforto. São sujeitxs consideradxs humanamente inferiores e alvo de violência (ELIAS; SCOTSON, 2000 apud TORRES; PRADO, 2014, p.202).

Podemos classificar, assim, a escola como lugar que não xs recebe e não xs acolhe. Xs colegas muitas vezes não compreendem e discriminam. E, então, temos xs sujeitxs trans, que abandonam a instituição (SANTOS, 2012, p 169). O lugar da escola é um lugar reprodutor e produtor das discriminações e da heteronormatividade (LOURO, 1997; BENTO, 2011), o que não se ajusta é retirado. Os dados são incertos - talvez por tamanha invisibilidade - mas sabemos o que não vemos: essxs sujeitxs transitando por entre as escolas e as faculdades. E se elxs não estão lá é, na maioria das vezes, por que ninguém xs auxiliou a permanecer.

Bohm (2009, p 56) afirma que as resoluções a favor de causas LGBT são discutidas principalmente pelos movimentos do segmento, e ficam ainda na invisibilidade e desconhecimento por parte das instituições educaionais. A escola dita regras e padrões; não só reverbera o discurso estigmatizante, mas o produz; não somente ignora a realidade trans, como a esconde. Assim, a transexualidade acaba por se enquadrar na classe dos pecados imencionáveis, aqueles que são encobertos pelo silêncio (CORNEJO, 2010).

Deste modo, não há como nos surpreendermos com o fato de pessoas escolherem desistir da escola. Marina Reidel - professora e transexual - fala, em seu escrito, de altos índices de abandono e evasão escolar de alunos por causa da discriminação (REIDEL, 2013). Eles não ficam no ambiente escolar e sua não-permanência nada mais é do que um reflexo da expulsão que se faz cotidianamente. Nas palavras de Bento,

“A escola, que se apresenta como uma instituição incapaz de lidar com a diferença e a pluralidade, funciona como uma das principais instituições guardiãs das normas de gênero e produtora da heterossexualidade. Para os casos em que as crianças são levadas a deixar a escola por não suportarem o ambiente hostil, é limitador falarmos em “evasão”. No entanto, não existem indicadores para medir a homofobia de uma sociedade e, quando se fala de escola, tudo aparece sob o manto invisibilizante da evasão. Na verdade, há um desejo de eliminar e excluir aqueles que “contaminam” o espaço escolar. Há um processo de expulsão, e não de evasão” (2011, p. 555).

E apesar da expulsão, do preconceito e dessa difícil realidade trans, vemos ocorrer um processo de mudança. Há pessoas que vencem esses fatores, que ultrapassam as barreiras existentes e conseguem sair deste lugar desfavorecido. Eles não cumprem o "caminho habitual"; revolucionam e ajudam a construir a nova história do país e do mundo. Procuraremos dar atenção a esses casos analisando quais as representações sociais da mídia online (Jornal Folha de S.Paulo) acerca de pessoas e dessas experiências no contexto da instituição educacional. Pretendemos, assim, compreender como o jornal produz e circula as representações sobre este grupo, como fala e apresenta-as - especialmente no âmbito da educação. Para isto, nos guiaremos sob a ótica da teoria das Representações Sociais, apresentada a seguir.

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

O conceito surge e é proposto através de Serge Moscovici, em sua obra “La Psychanalyse, son image, son public”, de 1961, na França. Baseado na Psicologia Social, o autor dá início à problematização e estudo das representações sociais, que tem como objetivo analisar a tradução de teorias científicas no senso comum (MOSCOVICI, 2012), a forma de dar sentido à realidade que cada grupo social tem.

Somente na década de 80 o conceito ganha mais força e visibilidade no meio acadêmico e, através da perspectiva moscoviciano, passamos a compreender as

representações sociais como o modo de os sujeitos apreenderem os fatos da vida cotidiana e como estes fatos, por sua vez, determinam nossa visão de mundo e nossa reação às pessoas e às coisas ao nosso redor (ARRUDA, 1985).

Segundo Jodelet (2001), é o modo de estarmos informados acerca do mundo à nossa volta. Nós construímos representações para nos relacionarmos, para sabermos como nos comportar, identificar e resolver os problemas que se apresentam. As representações guiam o nosso modo agir, de nomear e de definir os diferentes aspectos do cotidiano. Segundo a mesma autora (JODELET, 2001), o saber é construído, elaborado e partilhado socialmente, se dá através da comunicação e é fruto do diálogo contínuo entre xs sujeitxs, diálogo este que adapta-se ao fluxo das interações dessxs indivíduos. As representações sociais buscam tornar o não-familiar em familiar (MOSCOVICI, 1984a, p.23 apud SÁ, 1995, p. 35).

Angela Arruda (2002) afirma que a representação social é um processo pelo qual é possível conhecer as sociedades, pois o conhecimento que circula no grupo orienta-o quanto a seus comportamentos e condutas. E, em nossa sociedade moderna, o movimento deste conhecimento se dá de forma rápida. Através dos avanços tecnológicos e da diversidade dos grupos que convivem entre si e uns com os outros, o processo de comunicação se torna mais dinâmico e, por isso, não torna-se possível cristalizar tradições.

Segundo Arruda (2002, p. 134), "A representação social, portanto, não é uma cópia nem um reflexo, uma imagem fotográfica da realidade: é uma tradução, uma versão desta. Ela está em transformação como o objeto que tenta elaborar. É dinâmica, móvel". Ainda segundo a autora (ARRUDA, 2002), x sujeitx do conhecimento não é umx sujeitx passivx, que colhe e recebe tudo que lhe é dado, mas alguém que participa do processo e intervém diretamente.

Segundo Alves-Mazzotti (2008, p. 23), Moscovici compreendia a estrutura das representações divididas em duas faces indissociáveis: uma face figurativa e outra face simbólica; sendo cada figura correspondente a um sentido, e cada sentido correspondente a uma figura. Para a formação dessas duas faces, dois processos se seguem para a constituição das representações: a ancoragem e a objetivação. Começamos por este último.

Para Moscovici (2012), "objetivar é reproduzir um conceito numa imagem" (p. 38). Seria então, a objetivação, o processo de materializar ideias. A transformação de

conceitos - que estão no campo imaginário - em elementos concretos reais. A objetivação está relacionada à figura.

A ancoragem, por sua vez, está mais relacionada ao significado. É o meio pelo qual o não familiar se faz reconhecer através de conhecimentos prévios, conceitos conhecidos. Uma novidade, por exemplo - algo novo para x sujeito x - passa pelo processo da ancoragem para tornar-se familiar, integrando-se ao universo de um pensamento que já existe, “trabalho que corresponde a uma função cognitiva essencial da representação e pode, assim, incluir todo elemento estranho ou desconhecido no ambiente social e ideacional” (JODELET, 2001, p.15).

Moscovici (2012) abrange sua pesquisa para a compreensão da comunicação social. O objetivo, em seu escrito, era o de compreender o impacto das formas de divulgação do conhecimento científico na população acerca da Psicanálise. As representações são feitas pela comunicação, e possibilitam-na. Através das representações podemos conversar/dialogar conseguindo que haja compreensão.

As informações são assimiladas através da conversa, das trocas e da mídia. Segundo Alexandre (2001, p. 123), Moscovici procura entender como o saber social possibilita que a coletividade elabore uma informação dada pela mídia, transformando-a “numa propriedade impessoal, pública, que permite a cada indivíduo manuseá-la e utilizá-la de forma coerente com os valores e as motivações sociais da coletividade à qual pertence”.

A mídia tem papel central na circulação das informações. Ela produz conhecimentos e reproduz os já existentes. Mesmo não sendo de forma exacerbada, é certo que ela exerce um grande poder de manipulação; no entanto, o público tem seu papel: participa, interage, responde (CAMARGO; BOUSFIELD, 2011). A comunicação assume o lugar das relações sociais diretas entre os indivíduos. Moscovici (2012), então, propõe uma organização deste sistema, dividindo-os em propaganda, propagação e difusão. Em sua pesquisa, o autor usa o posicionamento de três diferentes tipos de mídia perante a psicanálise como forma de exemplificar cada um desses processos.

O modo como a imprensa comunista se posicionou diante da psicanálise, por exemplo, pode ser destacado como um processo de propaganda, por deixar clara a postura negativa que tinha diante dela (SOUZA FILHO, 1995). A propaganda baseia-se na afirmação: intervém em conteúdos específicos falando por interesses de grupos particulares e reforçando a identidade deles (CAMARGO; BOUSFIELD, 2011). Trabalha sob a idéia do que é verdadeiro *versus* o que é falso, construindo oposições;

nega o fenômeno por que há incompatibilidade entre as ideias próprias e às outras: a oposição fere seus princípios e não há aceitação. Ela fabrica imagens positivas à sua conveniência e negativas às outras (BRAGA; TUZZO, 2010). Segundo Jodelet (2001), a propaganda é relacionada com os estereótipos.

A propagação, por sua vez, tem a ver com as atitudes (JODELET, 2001). Podemos afirmar que ela visa controlar os conhecimentos através da manipulação: aceita o fenômeno novo e tenta incorporá-lo ao seu sistema de pensamento, mas pensa a partir de sua doutrina própria. Moscovici pôde observar isso quando tomou o material produzido pela mídia católica ao falar da psicanálise, explicitando suas opiniões de modo autoritário; falando de concepções e atitudes que deveriam ser comuns aos católicos a fim de orientá-los e controlá-los (SOUZA FILHO, 1995), direcionando os leitores para entender e ver a validade da psicanálise a partir da concepção cristã, mas sem ferir a teoria/prática psicanalítica. Os escritos seguiam um modelo sistemático e específico, circulando em temas que concentravam-se num mesmo ponto, num mesmo problema, adaptando a psicanálise à própria ótica da imprensa católica (SOUZA FILHO, 1995).

Já a difusão segue um modelo mais aleatório (SOUZA FILHO, 1995). Segundo Jodelet (2001), ela está relacionada com a formação das opiniões e adequa as mensagens de acordo com a crença já existente e estabelecida, que precisa ser reforçada. É estruturada, mas de modo não tão intenso quanto na propaganda (CAMARGO; BOUSFIELD, 2011). O emissor não assume posição ou engajamento próprio; mas “incita tomadas de posição parciais sobre aspectos fragmentários do objeto, gerando opiniões diversas” (SOUZA FILHO, 1995, p. 129). Ainda segundo o autor, os textos produzidos pela imprensa francesa acerca da psicanálise têm termos interligados aleatoriamente, com contornos pouco delimitados, que geram diferentes posicionamentos (SOUZA FILHO, 1995).

A difusão está diretamente ligada à transmissão de conteúdo. Seu interesse principal está focado no público que receberá as informações e, por isso, fala sobre temas de interesse e importância para as sociedades (CAMARGO; BOUSFIELD, 2011). Muitas vezes faz uso do discurso de profissionais especializados na questão para opinar sobre ela a fim de validar as informações, ao mesmo tempo em que também se exime de tomar qualquer posição sobre o tema, tornando-se mais neutro.

Compreender estes processos acima citados configura-se como um dos importantes passos para possibilitar a discussão na temática e análise dos dados obtidos.

Como dito no início, nos propomos aqui a identificar as representações sociais que a mídia desenvolve acerca dxs sujeitxs transgêneros, dentro do contexto institucional da educação. Seguindo este caminho, explicaremos a seguir o método utilizado para coleta e análise dos dados.

MÉTODOS

A coleta de dados foi realizada através de pesquisa no site do jornal *online* da Folha de S.Paulo. A busca foi feita com a utilização dos termos "Transgênero", "Transexual" e "Travesti" relacionados com as palavras "Educação", "Educacional", "Escola" e "Escolar". Como o portal faz distinção de palavras no singular e plural, todas as combinações foram usadas dos dois modos. A procura rendeu 544 resultados. Destes, 255 efetivamente não eram repetidos.

O critério utilizado para a seleção das matérias analisadas foi o de, a partir do estudo acerca do montante colhido, fazer uso do material o qual houvesse o relato da vivência dx sujeitx transgênero dentro do contexto institucional da educação. Assim, chegamos ao número de 24 notícias, as quais foram analisadas no presente trabalho. O período de publicação dessas matérias foi de maio de 2003 a julho de 2014.

Algo que podemos destacar é a maior quantidade de resultados quando usada a combinação "Transexual" junto com "Educação", que rendeu 98 matérias. No entanto, ainda neste contexto, depois de selecionadas as reportagens, os termos "Transexual" e "Escola" formaram a combinação que mais obteve resultados: das 24 matérias utilizadas, 12 aparecem nesta busca. No apêndice se encontram as referências produzidas de cada uma das 24 reportagens.

O presente trabalho configura-se como descritivo e exploratório. Caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, que propõe a análise de dados de um tipo específico de documento (GUNTHER, 2006), documento midiático: reportagens *online*.

A metodologia usada foi a da análise de conteúdo temática. Seguimos o processamento da pré-análise, que envolvem, entre outros, a leitura flutuante e a escolha dos documentos (BARDIN, 2011) que, neste caso, foi o conjunto das matérias do jornal Folha de S.Paulo. A partir da leitura dos documentos pudemos destacar os pontos relevantes que foram aparecendo e, deste modo, os agrupamos em categorias, as quais reúnem elementos próximos em sentido. É importante destacar que as categorias diferem-se umas das outras e, por isso, são mutuamente excludentes: os elementos de

uma categoria, necessariamente, não aparecem - na sua mesma significação - em uma outra (SOUZA FILHO, 1995, p.123).

Partimos, então, para a análise propriamente dita dos documentos, tratando dos resultados e interpretando-os. Destacamos, no material, dois grandes eixos, sendo eles: quem aparece, quando se fala de trans (de quem mais se fala); e o que se fala, de fato, quando se está publicando sobre transgêneros.

RESULTADOS

Demos atenção às formas como as reportagens falam e apresentam xs sujeitxs, o que dizem e quem, nesse contexto, aparece. Voltamo-nos às questões que mais surgiram e se destacaram nas reportagens. Os resultados obtidos foram listados e organizados em forma de categorias e subcategorias. As categorias que mais se destacam são “Direito”, categoria que mais apareceu e que envolve o âmbito da lei, e “Vivências”, relacionada às experiências dxs sujeitxs; ambas pertencentes ao primeiro eixo principal do trabalho: “Sobre o que se fala”, relacionado ao que aparece quando se fala de trans, e seguido pelo segundo eixo, “Quem”, relacionado a quem aparece no material. Trechos das reportagens foram usados para exemplificar cada categoria e, entre parênteses, estão as datas de publicação como ferramenta de referenciá-las. Os detalhes, categorias e subcategorias a seguir.

Sobre o que se fala: Categorias e subcategorias relacionadas ao que se fala, nas reportagens, quando o assunto são os trans.

- **Direito:** Categoria que traz elementos das reportagens que mencionam ou discutem algo relacionado à lei, ao âmbito do direito. Processos que são iniciados, pessoas que entram com uma ação judicial para ter nome ou definir sobre qual banheiro da escola deverá usar. Xs sujeitxs estão em busca de direitos. Os itens que mais se destacaram foram organizados nas seguintes subcategorias:
 - **Nome social:** quase que necessariamente, quando se fala de direitos conquistados (ou em trâmite) por/para trans, se fala do nome social. Do direito de ser chamadx pelo nome que se adequa a sua identidade: "Carla entrou com ação na justiça argentina para mudar seu nome nos documentos" (17 nov. 2011); "Alunos travestis e transexuais poderão

usar a partir de agora o nome social nas instituições de ensino, público e particular de São Paulo" (30 abr. 2014);

- **Banheiro:** Lugar físico e concreto que vira questão judicial no contexto da escola quando relacionado a sujeitxs trans: "Justiça autoriza menina transgênero a usar banheiro feminino nos EUA" (25 jun. 2013); "Califórnia libera transgêneros para escolher qual banheiro querem usar" (18 ago. 2013);
- **Incerteza jurídica:** Passagens que ilustram insegurança por parte da justiça em relação à condição legal dxs indivíduos: "...a lei brasileira ainda não regulamenta critérios para alteração de nomes em documentos..." (9 mar. 2014); "Uma proposta para permitir a mudança de sexo nas carteiras de identidade dos transexuais ainda não foi aprovada pelo governo" (30 jul. 2008);
- **Batalha:** Constrói-se uma dimensão de briga no que diz respeito à tentativa de conseguir direitos e reconhecimento. É uma luta que ocorre, geralmente, por meio de processos judiciais, protagonizada - muitas vezes - pela própria família dx sujeitx: "...vêm travando batalhas locais com distritos escolares de todos o país..." (18 ago. 2013); "Na batalha diária pelo reconhecimento como mulheres, o embate mais difícil é com os patrões" (9 mar. 2014).
- **Vivências:** Categoria relacionada às experiências vividas pelxs trans relatadas pelo jornal.
 - **Discriminação:** Percebemos que o jornal veicula elementos que apontam para certa carga negativa no que diz respeito ao discurso do jornal diante dx trans. "Bullying", "vítima", "discriminação", "sofre", "preconceito" são alguns dos termos que aparecem que dão corpo à idéia: "Acho que a educação é muito importante. Mas eu tenho curso de bolos e doces e não conseguia emprego por preconceito" (17 nov. 2011); "...ser vítima de bullying..." (9 out. 2011);
 - **Cirurgia:** Relacionada à vivência de cada trans, numerosas são as menções acerca de intervenções cirúrgicas para adequar o corpo à identidade de gênero: "...mas não fará cirurgia de mudança de sexo" (30 ago. 2012); "Há mais ou menos um ano usa sutiã com enchimento. Mas

não será por muito tempo. 'Vou colocar silicone em junho, mas ainda não sei quanto', revela" (9 mar. 2014);

- **Histórias de sucesso:** Embora seja presente a carga negativa no material, muitos foram os relatos sobre transexuais que "chegaram lá". Apesar das dificuldades enfrentadas no meio escolar, completaram os estudos e alcançaram algum reconhecimento: "...Bianca Soares, 38, professora de inglês há 20 anos. Ela dá 50 horas de aulas semanais em quatro escolas, públicas e particulares" (9 mar. 2014); "Luma Andrade, como prefere ser chamada - ingressou no doutorado em educação na Universidade Federal do Ceará, tornando-se, oficialmente, o primeiro travesti a alcançar esse nível da carreira acadêmica no país [...]. Luma também é servidora concursada do Estado, na Secretaria da Educação. Coordena 28 escolas em 13 municípios do interior do Ceará" (4 jan. 2009).
- **Pioneirismo:** Ligado à idéia de ineditismo. Termos que indicam que é a primeira vez que algo está acontecendo, ou que é a primeira pessoa a conseguir aquela posição/aquele feito: "Primeiro estado americano a sancionar lei" (18 ago. 2013); "...primeira travesti a alcançar esse nível da carreira acadêmica no país" (4 jan. 2009); "Ela é a primeira professora transexual da rede pública da capital argentina" (31 ago. 2012); "...disse que a nova lei coloca a Califórnia na vanguarda em termos dos direitos dos transgêneros"(18 ago. 2013).
- **Apoio versus Oposição:** Conjunto de termos que ilustram apoio ou oposição a causas e situações referentes às pessoas trans. Dão a idéia de que há desacordo de opiniões quando se fala de algo relacionado à transexualidade: "Os defensores da lei dizem.." (18 ago. 2012); "estão entre as entidades que apoiaram a lei" (18 ago. 2013); "Mas as autoridades escolares e pais conservadores em muitos casos se opõem à iniciativa" (6 ago. 2012).
- **Escassez dos dados:** Categoria que indica a escassez de dados quando se refere aos sujeitos trans: "Mas uma pequena porcentagem, e não sabemos qual é esse número com precisão, cresce como Danann" (16 jun. 2013); "Não há estatísticas confiáveis sobre quantas crianças nos Estados Unidos (e menos ainda no mundo) sejam transgênero" (16 jun. 2013).
- **Sujeito biológico:** Para apresentar o sujeito e sua história na reportagem, notamos que o jornal, ao fazê-lo, o faz usando-se de explicações acerca da fisiologia do indivíduo, de sua condição biológica: "Os pais de Coy Mathis - que

biologicamente é um menino -..." (25 jun. 2013); "Danann nasceu menino, biológica e geneticamente..." (16 jun. 2013); "Se fosse pelos cromossomos XX, seria mulher..." (9 out. 2011).

- **Padrões sociais de gênero:** O jornal aparece, algumas vezes, reforçando os padrões sociais de gênero, diferenciando o que é comportamento de menino do que é o de menina, ponto que destaca-se nas passagens como: "Quem a vê de *legging* e camiseta de paetês saltitando pela casa [...], falando sobre musicais da Broadway ou abraçando o interlocutor com um afeto espontâneo que meninos da mesma idade não costumam demonstrar [...]" (16 jun. 2013); "[...] permitirá que alunos transgêneros escolham se querem praticar esportes masculinos ou femininos" (18 ago. 2013);
- **Ambientes escolares LGBT:** Ambientes, no contexto escolar, voltados para o grupo LGBT na tentativa literal de dar lugar a eles: "Nos Estados Unidos, uma escola que recebe bem os gays" (6 ago. 2012); "Escola terá cursos para adolescentes gays em Campinas (SP)" (23 dez. 2009); "Escola na Tailândia tem banheiro para transexuais" (30 jul. 2008).
- **Preparação docente:** Trechos que mencionam a necessidade de preparar o corpo docente para lidar com alunxs trans: "De acordo com a socióloga, o material é voltado para o professor. 'É uma orientação para o professor sobre como trabalhar com o tema dentro da sala de aula'" (27 mai. 2011); "A ideia agora é divulgar os vídeos em escolas públicas e particulares e incluir o material na formação de professores" (3 ago. 2013).
- **Não-aceitação, aceitação e processo de aceitação:** Encontramos passagens de três movimentos distintos na relação familiar dxs trans. A primeira, o que chamaríamos de uma não-aceitação dos familiares diante da condição trans dx sujeitx: "Gosto de ser chamada de ela, 'a Laerte'. Sou uma mulher, mesmo que minha mãe não me trate assim" (9 mar. 2014); "Seu pai e sua avó paterna nunca entenderam o processo, e a família rompeu. Os pais de Bill mantêm contato, mas evitam encontrar a neta" (16 jun. 2013). Na aceitação, destaca-se trechos em que a família aceita e lida de modo positivo com x sujeitx: "Minha família sempre me apoiou" (25 set. 2008); "Elas (filhas) me apoiam completamente" (31 ago. 2012). Por fim, temos um processo de aceitação, uma mudança que vai se dando e se configurando aos poucos, no seio familiar. Podemos destacar: "O pai [...] não aceitou, a princípio. A mãe, aposentada, foi mais compreensiva" (6 jun.

2010); "Seu pai, católico, diz que a ama, mas que não aceita. 'Da última vez, peguei sua mão e disse: 'Sou ou não sou uma mulher bonita?'. Ele só sorriu" (9 mar. 2014).

Quem: Quando se fala dos sujeitos, além dxs próprixs trans, quem mais aparece? Dentre o material colhido, as categorias seguintes discriminam os grupos das pessoas que mais surgiram.

- **Político:** Pessoas da área política surgem nas reportagens para falar de situações que envolvam pessoas trans: "O governador democrata Jerry Brown anunciou ter assinado a lei AB1266..." (18 ago. 2013); "...o presidente Barack Obama declarou seu apoio..." (6 ago. 2012); "O presidente nacional do DEM, senador José Agripino..." (27 mai. 2011);
- **Familiar:** No material colhido, a família muitas vezes aparece: "O anúncio foi feito no momento em que famílias de estudantes transgêneros vêm travando batalhas locais..." (18 ago. 2013); "Minha família sempre me apoiou" (25 set. 2008); "Elas (filhas) me apoiam completamente" (25 set. 2008);
- **Organizações:** Muito citadas são as organizações que apoiam causas LGBT's: "...diretor do Transgender Legal Defense and Education Fund..." (24 abr. 2013); "...a coordenadora de Políticas da Região Sudeste da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais e coordenadora colegiada do Fórum LGBT do Espírito Santo, Deborah Sabará" (23 mai. 2014); "...diz Rafaelly Wiest, da ABGLT (Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais)" (1 Dez. 2009);
- **Profissionais:** Nota-se que, muitas vezes, profissionais das mais diferenciadas áreas do conhecimento aparecem nas reportagens. Seguem as classes mais frequentes:
 - **Escolar:** Professorxs das instituições, diretorxs, alunxs e demais profissionais do meio aparecem constantemente no material;
 - **Do campo jurídico:** Grande é a quantidade de aparições de juízxs e advogadxs quando se fala de indivíduos trans: "...um advogado da instituição disse que" (25 abr. 2013); "...que o advogado da família da menina divulgou no domingo" (24 abr. 2013); "...que o juiz Pedro Hoofit deferiu uma sentença em favor dela" (25 set. 2008);

- **Do campo da saúde:** Embora não com tanta frequência quanto à categoria anterior, também aparecem profissionais da área da saúde que, de algum modo, cuidam dxs sujeitxs: "...sob acompanhamento médico e psicológico" (16 jun. 2013); "...diz o médico, que há 20 anos trabalha com o grupo" (9 mar. 2014); "...escreve Norman Spock, endocrinologista do Hospital Pediátrico de Boston..." (16 jun. 2013).

DISCUSSÃO

X transgênero não se enquadra nos moldes aceitos pela sociedade pois está fora do padrão. Segundo Cruz (2011, p.80), há uma crença social de que existem "sexualidades desviantes", que saem da esfera comum estabelecida. E, por ser encarado como uma ameaça, esse desvio é tomado como algo que necessita ser extinto. Para que isso aconteça, além de excluídx, x trans precisa ser ignoradx. Assim, essxs sujeitos não existem na superfície da sociedade: são e estão invisíveis. E embora o cenário dxs sujeitxs trans não tenha aparecido de modo demasiadamente negativo, encontramos ainda (pelo menos inicialmente) algumas marcas dessa invisibilidade em nosso material. Invisibilidade quando notamos, por exemplo, escassez nos dados que mencionam estatísticas relacionadas axs trans.

E então, a alternativa que essxs sujeitxs encontram para existirem e serem percebídxs na esfera social é a de lutar, lutar judicialmente. Das 24 reportagens analisadas, 17 se relacionam de alguma forma com o Direito, com o âmbito da lei; é nossa maior categoria. Basicamente temos, no direito, a principal forma que o jornal se ancora para falar de trans. É um sistema de ancoragem pois percebemos que há um conjunto de ideias e práticas baseadas na lógica jurídica que o jornal usa para falar e se fazer compreender quando o assunto é a transexual ("a" por que, nas reportagens, a grande maioria de trans que apareceram foram trans femininas; apenas um caso relatou a história de um transexual masculino). Esta lógica judicial irá aparecer das mais diversas formas no decorrer de nosso escrito: para ser alguém, ter nome ou ser reconhecídx como cidadãx, é necessário que se judicialize o processo.

O "Direito" e a "Lei" estão bastante presentes na escola. X trans é novidade, e o que é desconhecido se ancora nos moldes judiciais de pensar; o processo que Moscovici (2012) chama de tornar o não-familiar em familiar. Há o desconforto de não saber o que fazer com o essx estranhx e, por ser "confiável" e velha conhecida, a justiça mostra-se como o caminho que o jornal usa para falar da temática.

X sujeitx aparece como aquelx que está lutando para que possa tornar-se visível e sair deste lugar de anonimato e incompreensão. Lutando, mesmo que seja através do meio jurídico. X trans é citado pelas reportagens como alguém que batalha, que o faz ao pé da letra: batalha judicialmente, entra em disputa para tentar conseguir um direito que ainda não lhe é assegurado. O conceito se materializa na ação, na figura da “luta”, se objetiva na imagem do “entrar em processo”. A busca pelo reconhecimento dx trans é objetivada na ideia da luta, da disputa, da briga. Trechos como "vêm travando batalhas" ou "na batalha diária pelo reconhecimento" nos mostram o que xs trans precisam fazer para existirem socialmente.

E algumas medidas são tomadas; mas são provisórias, ou de pouca estabilidade. O ENEM, segundo duas das reportagens, passou a permitir o uso do nome social pelxs trans. No entanto, não há nada que legitime essa decisão. Como no caso das escolas de São Paulo que passaram a chamar xs alunxs, na lista de chamada, pelo nome desejado por elxs. No entanto, outra vez, nada assegurado pelo Estado.

Não há conhecimento sobre a classe no nível não só brasileiro, mas mundial. São seres invisíveis, mas podemos perceber que não estão sós. No dito do jornal, para que ascendam, é sempre necessária a ajuda de um profissional do âmbito jurídico, que fale ou responda por elxs. Essa luta se configura na personificação dxs advogadx e juízx. Há um outro processo de objetivação mas, desta vez, que se materializa na figura destxs profissionais. Para x trans ainda não existe o direito de ter direitos, de ser reconhecidx ou ter lugar na esfera legal e jurídica e, assim, elxs acabam por precisar de umx mediadorx.

E, como se espera de toda batalha, há sempre dois ou mais lados na disputa. Diante das ideias expostas ou situações corriqueiras que envolvam pessoas trans, notamos que há - constantemente - embate de ideias na sociedade e nos discursos, divergência de opiniões entre pessoas e grupos quanto à temática trans. O jornal traz a dicotomia de ideias e contrapontos entre uma opinião e outra. Existe um conjunto de termos que nos faz pensar que há apoio e que há oposição a causas trans, ilustrados com expressões do tipo “a oposição combinada dos religiosos, conservadores” (6 ago. 2012), ou “uma organização conservadora” (18 ago. 2013).

Há discriminação e preconceito, percebidos em discursos trazidos pelo jornal acerca dxs trans, como na seguinte passagem: "Acho que a educação é muito importante. Mas eu tenho curso de bolos e doces e não conseguia emprego por preconceito" (17 nov. 2011). No entanto, temos pouco conhecimento dessas histórias,

dessas vivências, dessxs sujeitxs. Não se fala sobre o assunto, não se sabe sobre xs sujeitxs, não se discute sobre a questão que permanece no silêncio (CORNEJO, 2010). Mas é preciso falar, colocar em pauta, trazer a questão para a discussão. E a escola poderia ser um lugar de debate para essa temática, um lugar para essas pessoas. Mas não é.

Xs sujeitxs são expulsos pelo medo e pela insegurança do ambiente que não xs aceita. Ambiente que, de acordo com o modo com que lida com xs sujeitxs, interfere diretamente na sua saúde psicossocial, podendo interferir até nos riscos de suicídio dos indivíduos, podendo aumentá-lo ou diminuí-lo dependendo de como a escola venha a tratá-lxs (BRADLEY et. al., 2012). Algumas são as alternativas encontradas para que seja possível dar educação e lugar a essas pessoas, e uma delas (embora a primeira impressão seja a de segregação) é criar, de fato, um lugar voltado para x transexual, um lugar LGBT. Espaço que acolha, que dê espaço e vez axs sujeitxs. Deste modo, encontramos nas reportagens casos em que há, de forma concreta, essas tentativas.

Mas para que essa estratégia venha a ser eficaz, é preciso que se conte não somente com o apoio dxs diretorxs e coordenadorxs, mas dxs docentes. Além de toda a escola - como instituição -, muitas vezes são xs próprixs professorxs que não têm preparo ou formação para trabalhar diante da temática e dxs alunxs (BENTO, 2011; LOURO, 1997; MACIEL, 2013). Vemos essa questão surgir como pauta em algumas discussões trazidas pelo jornal, que fala desta necessidade de preparação e formação voltada para o corpo docente, como na reportagem que fala de um material específico do programa “Escola sem homofobia” voltado para xs professorxs (27 mai. 2011).

Preparação esta que se mostra primordial, já que muitas são as questões que surgem ou podem surgir quando umx trans está simplesmente estudando. Muitas vezes, como dito no início, questões que acabam indo à esfera da disputa legal. E uma delas - a mais recorrente - é a temática do banheiro. A luta para reconhecimento dx trans dentro da escola objetiva-se na figura do banheiro. Na busca por esse lugar, x trans acaba dando voltas com esse espaço específico pois, ao falar de trans na escola, o jornal fala de banheiro.

Nessa luta por reconhecimento dentro das instituições, as brigas muitas vezes têm seu estopim simplesmente pelo questionamento de onde a criança transgênero deve fazer suas necessidades. O biológico, incompatível com a identidade de gênero esperada socialmente, parece causar incômodo; principalmente nos pais das crianças "normais" que terão que dividir vestiários e mictórios com "pessoas de outro sexo". O jornal

mostra as questões que resultaram em luta judicial, como o caso de uma menina transgênero, Coy Mathis, que foi autorizada pelo juiz a usar banheiro feminino nos Estados Unidos, por exemplo (25 jun. 2013). O banheiro é constituinte das diferenças de gênero; nele estão reduzidas as questões: o banheiro biologiza a discussão.

A construção de nossos sexos é feita antes mesmo de nascermos, acentuada por toda preparação social que se dá a partir do momento em que se anuncia “-É um menino!” por exemplo; desde as cores das roupas, do quarto, ou dos brinquedos (BENTO, 2011). O estereótipo de gênero existente em nossa sociedade reforça ainda mais esse padrão. De um lado o homem (que gosta de futebol, tem barba, ter fala grossa) e, do outro, a mulher (que pinta as unhas, tem o cabelo grande, usa salto alto).

O jornal também veicula essa representação quando traz passagens do tipo: “Quem a vê de *legging* e camiseta de paetês saltitando pela casa [...], falando sobre musicais da Broadway ou abraçando o interlocutor com um afeto espontâneo que meninos da mesma idade não costumam demonstrar [...]” (16 jun. 2013), ou ainda “[...] permitirá que alunos transgêneros escolham se querem praticar esportes masculinos ou femininos” (18 ago. 2013). E apesar da literatura muitas vezes propor um rompimento deste binarismo, como Cruz (2011) o faz - compreendendo sobre as tantas outras possibilidades de ser e existir no mundo - o Folha de S.Paulo ainda cria e se utiliza de um mundo dividido entre masculino *versus* um mundo feminino.

E embora percebamos que o jornal trata e se refere aos sujeitos pela forma como cada um se identifica, ainda estão fortemente presentes as explicações sobre quem era aquela pessoa ou como ela nasceu, usando exemplos biológicos. O jornal materializa os sujeitos através de seus corpos, como no caso do banheiro, mas agora nas contradições entre o sexo e a identidade: mais uma vez, um processo da objetivação. “Os pais de Coy Mathis - que biologicamente é um menino -...” (25 jun. 2013); “Danann nasceu menino, biológica e geneticamente...” (16 jun. 2013). E ainda temos o fato de que, quase sempre, é citada a cirurgia que “adequa” os sujeitos aos moldes do sexo pelo qual se expressa. Segundo o jornal, é como se eles precisassem se adequar fisicamente ao padrão com o qual se identificam, deveriam se transformar, externamente, “em mulheres” ou em “homens”.

A forma que o jornal define os sujeitos se ancora em um sistema de pensamento binário tradicional, dicotômico, que usa aspectos fisiológicos e biológicos como base para estabelecer as diferenças de sexo e de gênero. O discurso se materializa no corpo, nas características anatômicas. Coloca-se essas “estranhas” dentro dessa forma

“tradicional” de pensar gênero: trata x trans por sua identidade de gênero quando reconhece que é uma menina ou quando a chama de “ela”, mas acaba remetendo-se ao sexo com o qual x sujeitx nasceu.

Tomando como exemplo os casos citados acima, os quais ambas as protagonistas são crianças, não há possibilidade de elas mesmas serem aquelas que batalham, e então a família cumpre e assume esse papel, o de representante da causa. A família - nas reportagens - constantemente é aquela que trava a batalha, e dá suporte.

No entanto, nem sempre foi assim. Borges et al (2012, p. 251), falam da estranheza e resistência com a qual a família recebe x familiar trans, muitas vezes expulsando-x do convívio familiar. Segundo Frazão e Rosário (2008, p.25) após o “choque” inicial, muitas famílias vão se tornando mais flexíveis com o passar do tempo. E notamos que a família dx sujeitx vem passando por esse processo de aceitação, por um processo de ‘evolução’.

Em alguns trechos, ilustrando familiares contrários à experiência trans, encontramos passagens que falam de uma não-aceitação quanto à identidade dx parente. Em outros, percebemos certa abertura de familiares frente ao assunto, o que nos faz pensar neste processo de mudança. As pessoas estão conhecendo essxs sujeitxs e suas famílias os estão reconhecendo. Borges et al (2012), fala que para x trans, no que diz respeito ao suporte social e afetivo, o ponto principal está localizado na família. A participação dxs familiares se mostra como peça mais que fundamental para que haja a visibilidade dx sujeitx.

Essxs sujeitxs protagonizam um processo de mudança histórico. Mudança no meio familiar, social e profissional. Assumir-se trans não somente é mudar de roupas ou corpo, mas é “demandar reconhecimento pela sua forma de vida, exigir direitos como os demais sujeitos (...)” (TORRES; PRADO, 2014, 212). Algumas conquistas estão sendo alcançadas, e o jornal as publica. Como a história de Bianca Soares, que é professora de inglês há 20 anos e dá 50 horas de aulas semanais em quatro escolas (6 jun. 2010); ou o caso de Luma Andrade, que se tornou a primeira travesti a ingressar num doutorado no Brasil, além de também ser servidora concursada do estado do Ceará (4 abr. 2009).

Outro fator que podemos destacar é que, em grande parte das histórias de sucesso mostradas nas reportagens, as mulheres trans atingiram esse sucesso sendo professoras. Louro (1997) fala da profissão do magistério como sendo historicamente associada às mulheres. Um tipo de profissão tipicamente feminina que está sendo ocupada, inclusive, pelas mulheres transexuais; como se elas buscassem uma profissão

dentro do quadro de carreiras pertencentes às mulheres. Podemos afirmar que, dxs sujeitxs que apareceram no material estando no exercício de profsssrx, todas eram mulheres.

E não só professoras ou trans, pudemos notar que, recorrentemente, o jornal traz no corpo do texto falas dos mais variados profissionais que são convidados a falar do assunto “trans”. Podemos identificar, aí, uma das características de um processo de difusão. O jornal não toma parte, não se posiciona; mas convoca pessoas a discutirem, com as opiniões mais diversas, buscando trazer uma maior variedade de posições e informações para os leitores. E embora haja certa neutralidade do veículo, podemos afirmar que o jornal tende a falar do trans de modo favorável, mesmo que não explicitamente. Na maioria das vezes as histórias contadas são positivas.

Xs trans estão ficando visíveis, conquistando um lugar, mas ainda há preconceito e discriminação. Podemos perceber, por exemplo, certa incerteza jurídica quando a causa está relacionada a pessoas trans. Insegurança por parte da justiça em relação à condição legal dxs indivíduos, pois sabemos que seus direitos “ainda” (“ainda”, esse, digno de nota) - não estão assegurados: “...a lei brasileira ainda não regulamenta critérios” (9 mar. 2014); “Uma proposta para permitir a mudança de sexo nas carteiras de identidade dos transexuais ainda não foi aprovada pelo governo” (15 set. 2014).

E, no que diz respeito a medidas tomadas, muita coisa está relacionada ao nome social. Segundo Lima (2013, p. 11), o nome social é o nome pelo qual a pessoa deseja ser identificada, já que sua identidade não condiz com o que está registrado em sua documentação. E, quase que necessariamente, quando se fala de direitos conquistados (ou em trâmite) por/para trans, se fala do nome social. Do direito de ter, pelo menos, um nome. Nome este que não está seguro. E, para x sujeitx trans, a questão de ser ou não nomeadx pode influenciar diretamente a sua educação.

Encontramos nas reportagens passagens que relatam a desistência da escola por causa do constrangimento sentido ao ser chamadx de um nome pelo qual não se identifica, ponto também encontrado na literatura (LIMA, 2013, p. 141). Do mesmo modo, os discursos de trans que sentiram vontade de fazer o ENEM simplesmente por que agora ele está reconhecendo o nome social (23 mai. 2014); ou então voltar a estudar em São Paulo por que, nas escolas do estado, a chamada oral respeita o nome social (30 abr. 2014).

Há uma 'corrente' de apoio axs trans muito forte, que auxilia e faz esse processo de mudança progredir. Há ainda muitos empecilhos neste caminho, mas também

avanços que, de algum modo, iniciam uma garantia de cidadania aos sujeitos. Direito à cidadania! Direito ainda não assegurado, mas em processo. E somente começando. Talvez por isso tenhamos nos deparado com tanto ineditismo nas matérias, com trechos que relatam ser primeira vez que algo está acontecendo, ou a primeira pessoa a conseguir aquela posição/aquele feito.

Podemos dizer que encontramos alguns (notáveis) avanços quanto a conquistas para/pelas trans. Leis estão sendo criadas, decisões estão sendo tomadas. Embora nem sempre seguras, mas começam a existir. De acordo com as reportagens, há uma lei de proteção para xs trans nos EUA (24 jun. 20103); foi estabelecida a Lei de Identidade de Gênero no Uruguai e na Argentina (17 nov. 2011); a lei, assegurada na Califórnia, que possibilitou o direito dos alunos escolherem o banheiro e vestiário que querem usar (18 ago. 2013).

X sujeitos trans, embora invisível, está ganhando espaço. Louro (1997) diz que há relações de poder onde há formas de resistência pois, caso contrário, a relação seria de violência. Há resistência da parte dos trans, há força. São pessoas fortes, que estão configurando um novo momento social. Das 24 reportagens analisadas, 16 têm passagens diretas com falas de sujeitos trans, trechos em que a voz do sujeito foi privilegiada, ouvida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como também encontrado na literatura (GALINKIN; ISMAEL, 2011), pudemos perceber o sujeito trans, na instituição educacional, como alguém principalmente invisível, que sofre estigmatização e preconceito e, muitas vezes, não permanece na escola. E, na tentativa de escapar desse lugar fragilizado - de acordo com o jornal - ele necessariamente precisa passar por meio do processo da judicialização.

O sujeito trans é um processo. Vive um processo para adequar a aparência e o corpo à identidade de gênero; passa - muitas vezes - pelo processo cirúrgico para esse aperfeiçoamento; encontra-se num processo social em direção ao reconhecimento; e entra num processo judicial para conseguir-lo.

Deste modo, temos no direito a forma em que o jornal se ancora para falar de pessoas trans. O jornal baseia as ideias e práticas nos moldes judiciais de se pensar para que o público possa compreender melhor as informações sobre o esse grupo.

Uma dessas formas é a de apresentar o sujeito trans como um lutador, como alguém que batalha para que possa aparecer - e ser - na esfera social. Entra nessa

batalha do âmbito da lei de modo constante para que seja assegurada sua cidadania (TORRES; PRADO, 2014). X trans batalha pelo direito de poder usar o banheiro com o qual se identifica; batalha para poder ser reconhecidx e chamadx pelo nome com o qual se reconhece.

E, no âmbito da educação, podemos destacar a importância desse reconhecimento pois, muitas vezes, ele pode determinar a permanência - ou a saída - dx sujeitx na escola. O reconhecimento do nome social no contexto educacional torna-se uma ferramenta primordial como fator de influência no ingresso ou a permanência dx sujeitx na escola e demais instituições educacionais.

Outra representação desenvolvida pelo jornal acerca dx trans é que, embora tenham nascido de um jeito, se expressam de outro. Assim - de acordo com o material - elxs precisam se adequar fisicamente ao que padrão social exige quanto ao gênero, principalmente usando-se de cirurgia: devem se transformar, externamente, em mulheres ou homens.

O jornal ainda mostra a família como um dos grandes suportes dx individux, exercendo esse papel inclusive nas disputas: se elx mesmx, x trans, não pode batalhar, xs familiares assumem essa posição. Família que muitas vezes optava por excluir x sujeito do convívio familiar e hoje mostra-se como uma das grandes apoiadoras do sujeito. O núcleo familiar é peça fundamental x sujeitx venha a ser.

Essxs sujeitxs protagonizam um processo de mudança histórico. As representações sociais acerca delxs estão mudando. A mídia está dando visibilidade para as histórias de sucesso dxs sujeitxs, para as conquistas trans. Se está falando sobre elxs.

Assim como as representações sociais determinam nosso agir, a partir de sua mudança, a postura das pessoas diante dessxs indivíduos também reflete essa alternância. A dinâmica social influencia de forma direta as representações sociais e podemos destacar que essxs sujeitxs estão ficando visíveis e ganhando seu espaço. Elxs começam a ultrapassar as barreiras do preconceito, da estigmatização e do ódio. Conquistas antes até inimagináveis estão sendo garantidas e reservadas.

Essxs individuxs estão ganhando voz. Estamos em um processo de mudança em relação à transexualidade. Processo que não é só o físico, pelos quais muitxs delxs passam, mas um processo social! Embora desconhecido, o tema está se tornando familiar. A caminhada ainda reserva muitas estradas a se trilhar, mas nada que assuste ou afugente essxs lutadorxs que tanto já estão acostumadx a batalhar. Se elxs "ainda"

não têm vez ou reconhecimento, esse "ainda" nos sugere que terão. E em breve. É um processo, até chegar o dia em que não serão necessários processos judiciais para existir.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, Marcos. O papel da mídia na difusão das representações sociais. **Comum**, Rio de Janeiro: v.6, nº 17, 2001, p. 111-125. Disponível em: <<http://www.sinpro-rio.org.br/imagens/espaco-do-professor/sala-de-aula/marcos-alexandre/opapel.pdf>> Acesso em: 15 fev. 2015.
- ALVES, Cláudio Eduardo Resende. Travestis e transexuais na escola: ressonâncias do uso do nome social na rede municipal de educação de Belo Horizonte. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10**, Florianópolis, 2013. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1384362621_ARQUIVO_C1audioEduardoResendeAlves.pdf> Acesso em: 11 dez. 2014.
- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação. **Revista Múltiplas Leituras**, v.1, n. 1, 2008, p. 18-43. Disponível em <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ML/article/viewFile/1169/1181>> Acesso em: 25 fev. 2015.
- ARRUDA, Angela. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de Pesquisa**: Rio de Janeiro, n. 117, 2002, p. 127-147.
- ARRUDA, Angela. A representação social da saúde num bairro de baixa renda de Campina Grande, Paraíba. **Rev. de Psicologia**, Fortaleza, 3 (1): 49-61, 1985.
- ÁVILA, Simone; GROSSI, Miriam Pillar. Transexualidade e Movimento Transgênero na Perspectiva da Diáspora Queer. In: **Congresso da associação brasileira de estudos da homocultura**, 2010, Natal. Anais eletrônicos. Natal: ABEH, 2010. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/59733080/TRANSEXUALIDADE-E-MOVIMENTO-TRANSGENERO-NA-PERSPECTIVA-DA-DIASPORA-QUEER-Simone-Avila-e-Miriam-Pillar-Grossi>> Acesso em: 10 fev. 2015.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Estudos Feministas**: Florianópolis, 19(2): 336, 2011.
- BORGES, Carla Cristina; PEREIRA, Fábio Rodrigues; LEÃO, Mariza Ferreira. Transpondo o arco-íris: uma análise acerca do suporte social oferecido aos transgêneros de Patos de Minas e região. **Perquirere**, Centro universitário de Patos de Minas, 2012, p. 241-256. Disponível em: <<http://perquirere.unipam.edu.br/documents/23456/55708/transpondo.pdf>> Acesso em: 2 mar. 2015.
- BRADLEY, Beverly; KELTS, Susan; ROBARGE, Deb; DAVIS, Catherine; DELGER, Suzey; COMPTON, Linda. Sexual Orientation and Gender Identity/Expression (Sexual Minority Students): School Nurse Practice. **Nacional Association of School Nurses**: Silver Spring, 2012.

BRAGA, Claudomilson Fernandes; TUZZO, Simone Antoniaci. A tipologia das representações sociais e os atos comunicativos: o caso da reserva indígena raposa serra do sol. **Revista Anhanguera**. v.11 n. 1 jan/dez, 2010, p.87-104. Disponível em: <<http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp-content/uploads/downloads/2011/06/Artigo6.pdf>> Acesso em: 13 dez. 2014.

CAMARGO, Brígido Vizeu; BOUSFIELD, Andréa Barbará S. Teoria das representações sociais: uma concepção contextualizada de comunicação. In ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira; SANTOS, Maria de Fátima Souza; TRINDADE, Zeidi Araujo (Orgs) **Teoria das representações sociais: 50 anos**. Brasília: technopolitik, 2011.

CARDOZO, Fernanda. Da vitimização às lutas por reconhecimento: uma reflexão acerca dos conflitos sociais envolvendo travestis e a construção de identidades coletivas. **Fazendo Gênero 8**. Florianópolis, 2008. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST61/Fernanda_Cardozo_61.pdf > Acesso em: 12 fev. 2015.

CORNEJO, Juan. Jóvenes en la encrucijada. **Última década**: Santiago, v. 18, n. 32, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-22362010000100010> Acesso em: 21 nov. 2014.

CRUZ, Elizabete Franco. Banheiros, travestis, relações de gênero e diferenças no cotidiano da escola. **Rev. psicol. polít.**: São Paulo, v. 11, n. 21, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1519-549X2011000100007&script=sci_arttext&lng=en> Acesso em: 15 nov. 2014.

FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins. De cores e matizes: sujeitos, conexões e desafios no movimento LGBT brasileiro. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*, nº 03, 2009, p.54-81.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3 ed. totalmente rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FRAZÃO, Pedro; ROSÁRIO, Renata. O *coming out* de gays e lésbicas e as relações familiares. **Aná. Psicológica**, Lisboa: v. 26, n. 1, 2008. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312008000100003&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 12 fev. 2015.

GUNTHER, Hartmut. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 22, n. 2, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722006000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 06 mar. 2015.

JESUS, Jaques Gomes; GALINKIN, Ana Lúcia. Gênero e mobilização social: participação feminina na parada do Orgulho de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros. **Bagoas**, nº 06, 2011, p. 283-300.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Transfobia e crimes de ódio: Assassinatos de pessoas transgênero como genocídio. **História Agora**, São Paulo, 2011.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. **Núcleo de estudos e pesquisas em gênero e sexualidade**. Goiás: Universidade Federal de Goiás, 2012. Disponível em: <<http://www.sertao.ufg.br/pages/42117>> Acesso em: 10 fev. 2015.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (Org.). **As representações sociais**. Tradução de Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LIMA, Maria Lúcia Chaves. O uso do nome social como estratégia de inclusão escolar de transexuais e travestis. **PUC**, São Paulo: 2013. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=15643> Acesso em: 26 fev. 2015.

MACIEL, Patrícia D. A produção acadêmica sobre a homossexualidade e a identidade docente. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos)**: Florianópolis, 2013. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1386611260_ARQUIVO_PatriciaDanielaMacie.pdf> Acesso em: 26 fev. 2015.

MOSCOVICI, Serge. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Tradução de Sonia Fuhrmann. Petrópolis: Vozes, 2012.

REIDEL, Marina. Pedagogia do salto alto: histórias de professoras travestis e transexuais na educação brasileira. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos)**: Florianópolis, 2013. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1386728403_ARQUIVO_MarinaReidel.pdf> Acesso em 11 nov. 2014.

SÁ, Celso Pereira de. Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, Mary Jane (org.). **O conhecimento no cotidiano**. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 19-57.

SANTOS, Dayana Brunetto Carlin dos. Para se pensar sobre a experiência transexual na escola: algumas cenas. **Bagoas**, n. 07, 2012, p. 147-171. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v06n07art08_santos.pdf> Acesso em 26 fev. 2015.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Vol. 20 (2), jul/dez. 1995.

SOUZA FILHO, Edson Alves de. Análise de representações sociais. In: SPINK, Mary Jane (org.). **O conhecimento no cotidiano**. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 109-145.

TORRES, Marco Antônio; PRADO, Marco Aurélio. Professoras Transexuais e Travestis no Contexto Escolar: entre estabelecidos e outsiders. **Educação & Realidade**: Porto Alegre, v. 39, n. 1, 2014, p. 201-220. Disponível em:

<<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/viewFile/29664/28426>>
Acesso em: 26 fev. 2015.

APÊNDICE

REFERÊNCIAS DAS REPORTAGENS ANALISADAS

68 travestis e transexuais pedem para utilizar nome social no Enem. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 23 mai. 2014. Educação. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2014/05/1458845-68-travestis-e-transexuais-pedem-para-utilizar-nome-social-no-enem.shtml>> Acesso em: 23 out. 2014.

Alunos transexuais poderão usar nome social nas escolas de SP. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 30 abr. 2014. Educação. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2014/04/1447806-alunos-transexuais-poderao-usar-nome-social-nas-escolas-de-sp.shtml>> Acesso em: 23 out. 2014.

BANDEIRA, Luiza. Estados permitem nome feminino de travestis em lista de chamada escolar. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 1 dez. 2009. Cotidiano. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u660417.shtml>> Acesso em: 15 set. 2014.

BERGAMO, Mônica. Tribunal de SP mantém condenação de diretora que chamou professora de 'macaca'. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 14 abr. 2014. Colunistas.

Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2014/04/1440152-tribunal-de-sp-mantem-condenacao-de-diretora-que-chamou-professora-de-macaca.shtml>> Acesso em: 23 out. 2014.

BITTENCOURT, Bruna. Professora de dia, Bianca Exótica é figura conhecida na noite paulistana. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 6 jun. 2010. Cotidiano. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0606201008.htm>> Acesso em: 15 set. 2014.

CAPRIGLIONE, Laura. Mulher adapta seu corpo feminino à identidade masculina em SP. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 9 out. 2011. Cotidiano. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2011/10/987989-mulher-adapta-seu-corpo-feminino-a-identidade-masculina-em-sp.shtml>> Acesso em: 23 out. 2014.

COELHO, Luciana. Danann Tyler, 10, nasceu menino, mas se expressa como menina.

Folha de S.Paulo, São Paulo, 16 jun. 2013. Ilustríssima. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2013/06/1294787-danann-tyler-10-nasceu-menino-mas-se-expressa-como-menina.shtml>> Acesso em: 10 out. 2014.

FERNANDES, Kamila. Travesti vence preconceito e faz doutorado. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 1 jan. 2009. Cotidiano. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0401200922.htm>> Acesso em: 15 set. 2014.

GABINO, Rosario. Juiz argentino autoriza transexual a mudar de sexo sem operação.

Folha de S.Paulo, São Paulo, 25 set. 2008. Mundo. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u88559.shtml>> Acesso em: 11 out. 2014.

GRANJEIRA, Julianna. Produtora de vídeo anti-homofobia diz que MEC cortou beijo. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 27 mai. 2011. Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2011/05/921582-produtora-de-video-anti-homofobia-diz-que-mec-cortou-beijo.shtml>> Acesso em: 15 set. 2014.

HEAD, Jonathan. Escola na Tailândia tem banheiro para transexuais. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 30 jul. 2008. BBC Brasil. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u427639.shtml>> Acesso em: 15 set. 2014.

Irmãs transexuais argentinas abrem churrascaria contra preconceito. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 17 nov. 2011. Humanos. Disponível em: <<http://f5.folha.uol.com.br/humanos/1007887-irmas-transexuais-argentinas-abrem-churrascaria-contrapreconceito.shtml>> Acesso em: 23 out. 2014

Justiça autoriza menina transgênero a usar banheiro feminino nos EUA. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 26 jun. 2013. Mundo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2013/06/1300862-justica-autoriza-menina-transgenero-a-usar-banheiro-feminino-nos-eua.shtml>> Acesso em: 15 set. 2014.

KERSHNER, Isabel. Estilismo tira mulheres da prostituição em Tel Aviv. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 21 jan. 2013. Mundo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/1217118-estilismo-tira-mulheres-da-prostituicao-em-tel-aviv.shtml>> Acesso em: 23 out. 2014.

Menina transgênero é proibida de usar banheiro feminino nos EUA. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 26 jun. 2013. Mundo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2013/06/1300862-justica-autoriza-menina-transgenero-a-usar-banheiro-feminino-nos-eua.shtml>> Acesso em: 15 set. 2014.

MIGUEL, Flávia Martins Y. Escola terá cursos para adolescentes gays em Campinas (SP). **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 23 dez. 2009. Educação. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2009/12/670493-escola-tera-cursos-para-adolescentes-gays-em-campinas-sp.shtml>> Acesso em: 10 out. 2014.

Nos Estados Unidos, uma escola que recebe bem os gays. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 06 ago. 2012. Ilustríssima. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/1132617-nos-estados-unidos-uma-escola-que-recebe-bem-os-gays.shtml>> Acesso em: 10 out. 2014.

Nova York inaugura primeira escola pública para homossexuais. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 28 jul. 2003. Mundo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u60761.shtml>> Acesso em: 11 out. 2014.

Professor volta de férias como travesti na Argentina. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 31 ago. 2012. BBC Brasil. Disponível em: <<http://f5.folha.uol.com.br/humanos/1146351-professor-volta-de-ferias-como-travesti-na-argentina.shtml>> Acesso em: 23 out. 2014.

RIGHETTI, Sabine. Jovens fazem vídeos para fazer de seco e até transexualidade. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 3 jul. 2013. Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/07/1305325-jovens-fazem-videos-para-falar-de-sexo-e-ate-transexualidade.shtml>> Acesso em: 15 set. 2014.

SENRA, Ricardo. Conheça transexuais que venceram o preconceito no mercado de trabalho. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 9 mar. 2014. São Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2014/03/1421528-conheca-transexuais-que-venceram-o-preconceito-no-mercado-de-trabalho.shtml>> Acesso em: 23 out. 2014.
Transexuais e travestis poderão usar nome social em órgãos do MEC. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 21 nov. 2011. Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1009607-transexuais-e-travestis-poderao-usar-nome-social-em-orgaos-do-mec.shtml>> Acesso em: 23 out. 2014.

Travesti com doutorado vira atração do "Fantástico"; visite estante GLS. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 21 mai. 2010. Mundo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha/ult10082u739021.shtml>> Acesso em 11 out. 2014.

VERDIN, Tom. Califórnia libera transgêneros para escolher qual banheiro querem usar. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 13 ago. 2013. Mundo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2013/08/1325651-california-autoriza-transgeneros-a-usar-banheiro-conforme-identidade.shtml>> Acesso em: 15 set. 2014.